

O preconceito em Sartre

Michelle Weltman

Orientador: Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva

PET

“Era livre, livre inteiramente, com liberdade de ser um animal ou uma máquina, de aceitar, de recusar, de tergiversar, casar, dar o fora, arrastar-se durante anos com aquela cadeia aos pés.

Podia fazer o que quisesse, ninguém tinha o direito de aconselhá-lo.

Só haveria para ele Bem e Mal se os inventasse. Em torno dele as coisas se haviam agrupado, aguardavam sem um sinal, sem a menor sugestão. Estava só em meio a um silêncio monstruoso,

só e livre, sem auxílio nem desculpa, condenado a decidir-se sem apelo possível, condenado à liberdade para sempre¹”

J.-P. Sartre, Idade da Razão.

Introdução

A literatura de Sartre é um espelho crítico da sociedade. Isto significa que o leitor, ao ver-se refletido na representação romanesca, identifica-se identificando à imagem, ou às imagens, socialmente construídas do homem em determinadas épocas ou condições. Os ele-

¹ SARTRE, Jean-Paul. *A idade da razão*, p. 275-6.

mentos dessa representação muitas vezes são os preconceitos de grupos ou da sociedade em geral, que o sujeito incorpora na constituição de seu próprio Ego. Essa imagem, fixada pelos procedimentos de má-fé, desperta no indivíduo os sentimentos que ele alimentará acerca de si mesmo. No entanto, nos romances sartrianos, esses indivíduos se defrontam constantemente com a ausência de valores pré-estabelecidos e com a liberdade de se aceitarem.

É por esse viés que aparece a personagem Daniel Sereno, de *Os caminhos da liberdade*, um homossexual que, por acreditar que seus desejos sejam extremamente infames, quer odiar-se, condenar-se. Trata-se, segundo Sartre, de uma conduta de má-fé muito comum entre pessoas que acreditam estar fazendo algo errado. Elas desejam se transformar em uma “totalidade culpada”, o que jamais pode ocorrer graças à transcendência de cada indivíduo, esse eterno escapar-se de si mesmo, que não permite a ninguém ser um Em-si culpado. Tal é o conflito de Daniel. Vem daí, diz Sartre, “boa parte dos transtornos da consciência moral, em particular o desespero de não conseguir *verdadeiramente* se autodepreciar... de sentir perpetuamente um desvio entre as significações expressas – ‘sou culpado, pequei’, etc. – e a apreensão real da situação. Em suma, daí todas as angústias da ‘má-consciência’, ou seja, da consciência de má-fé, que tem por ideal julgar a si mesma²”

Trata-se, portanto, de analisar o conflito de Daniel através de sua trajetória, sua conduta de má-fé. Depois iremos esboçar o que seria uma conduta que lhe permitiria lidar com o preconceito que ele sofre, o que está entrevisto em *Os Caminhos da Liberdade*, mas já bastante expresso em *O ser e o nada*.

1. “Fora preciso... Um juiz qualquer!”

Daniel acha terrível ser homossexual e seus desejos, extremamente repugnantes. Embora ele seja um “outsider” no meio onde vive,

² Idem, *O ser e o nada*, p. 647.

ele adquire os mesmos preconceitos que são responsáveis por sua exclusão. Pode-se dizer que isso seria uma maneira de reinserir-se na sociedade, mas, ironicamente, se apoiando naquilo que o exclui. Além disso, ele sente a necessidade de afirmar que esses valores são verdadeiros, como se fossem intrínsecos ao homem. Isto fica bem claro na seguinte passagem: “A paz. A paz da boa gente, da gente honesta, da gente de bem, dos homens de boa vontade. Por que será a vontade deles a boa, e não a minha? Assim era... Algo nesse céu, nessa luz, nessa natureza, assim havia resolvido”³.

Por isso Daniel deseja ver-se como “culpado”, tornar-se uma “totalidade culpada”, julgando-se tal como se fosse uma coisa. Porém, isso não pode ocorrer dada a própria estrutura da consciência. Para Sartre, não temos consciência posicional de nossa própria consciência, essa consciência (de) si se dá de maneira não-tética. Além disso, a consciência é perpetuamente transcendente, um escapar eterno de si mesma, dessa maneira, quando um indivíduo tenta se definir, o seu “eu” que tenta o fazê-lo, logo toma parte no que ele pretende definir, tornando impossível formular qualquer conceito sobre si mesmo. “Poderás compreender-me”, pergunta Daniel, “se te disser que nunca soube o que sou? Meus vícios e minhas virtudes, estou com o nariz em cima deles, não os posso ver nem recuar suficientemente para considerar-me em conjunto. Além disso, sinto a estranha sensação de ser uma matéria mole e movediça em que as palavras se atolam, mal tento nomear-me e já quem é nomeado se confunde com quem nomeia e é preciso recomeçar tudo”⁴. Ou seja, embora Daniel consiga perceber seus desejos e formar juízos sobre eles, ele não consegue ver-se como um todo, se transformar em um objeto para si mesmo.

De acordo com Sartre, só conseguimos nos ver através do olhar do outro, que faz uma mediação entre nós e nós mesmos. O outro é capaz de nos transformar em objetos e emitir juízos sobre nós. É através

³ Idem, *Idade da Razão*, p.154.

⁴ Idem, *Sursis*, p.329.





para criar-se um mal-estar e para sentirmos vergonha. “A vergonha”, afirma Sartre,

é apenas o sentimento original de ter meu ser do *lado de fora*, comprometido em outro ser e, como tal, sem qualquer defesa, iluminado pela luz absoluta que emana de um puro sujeito... A vergonha pura não é sentimento de ser tal ou qual objeto repreensível, mas, em geral, de ser *um* objeto, ou seja, de reconhecer-me neste ser degradado, dependente e determinado que sou para o outro¹¹.

Todavia, em Daniel ainda temos um problema moral. Sua reação de “espanto e ódio” depois de confessar-se tem muito mais a ver com o fato dele finalmente estar se vendo como um todo, “pederasta”, “culpado”, do que ele se descobrir dessa forma através de Mathieu. Daniel de certa forma já sabia o que ele era. Tanto que Mathieu nem sequer liga muito para sua pederastia, não acha que ele é repugnante, o que o repugna, na verdade, é o fato de que mesmo sendo assim ele irá casar-se com sua amiga Marcelle, pela qual ele se sente responsável já que está grávida de um filho seu.

Com o olhar do outro, ao invés desse “escoamento pastoso” que ele experimentava anteriormente, agora Daniel finalmente sentia que “era” algo. A partir desse sentimento, portanto, ele pensa que conseguirá se totalizar, transformando-se nesse ser-para-outro que surge através desse olhar. Ou seja, por um procedimento de má-fé, ele deseja cancelar sua própria transcendência. Mas isso não poderá ocorrer porque as relações sujeito-objeto podem ser recíprocas. De fato, quando um indivíduo é objetificado, ele não pode, ao mesmo tempo, objetificar. Nem o sujeito, enquanto sujeito pode objetificar-se para seu objeto. Mas enquanto somos objetos ou sujeitos, está “disfarçado” o estado contrário, e, por uma mudança de situação, a relação sujeito-objeto pode inverter-se.

¹¹ Idem, p.368.

Além disso, há quase uma tendência de que após sermos objetificados, também objetifiquemos o outro, como uma reação de defesa à vergonha que sentimos, pois isso faz com que esses conceitos que o outro forma sobre nós se tornem “inofensivos” De fato, esse ser-para-outro acaba se transformando em uma “propriedade” do sujeito agora objetificado, é parte de seu “interior”, que, embora continue em conexão conosco, já não mais nos afeta. Diz Sartre, “o outro-objeto ‘tem’ uma subjetividade assim como esta caixa tem ‘um interior’ E, com isso, eu me *recupero*, pois não posso ser um *objeto* para um *objeto*. Não nego que o Outro continua em conexão comigo por seu ‘interior’, mas a consciência que tem de mim, sendo consciência-objeto, aparece-me como pura interioridade sem eficácia¹²”

Por isso essa relação com Mathieu não poderá realizar por completo o desejo de Daniel de ser objeto o tempo todo, pois ele irá verificar que também pode ser sujeito. Ele percebe qualidades de Mathieu e que Mathieu depende dele para conhecer-se também, essa dependência é mútua. Com essa descoberta, diz Daniel, o que “se apresentava então como uma expiação dolorosa revelara-se, com o correr dos dias, horrivelmente suportável¹³”

É então que Daniel começará a sentir um olhar, mesmo sem a presença concreta de um indivíduo que o veja o tempo todo. Realmente, dirá Sartre, “o ser-para-outro é um fato constante de minha realidade humana¹⁴” Esta sensação de estar sempre sob o olhar de uma “testemunha” pode surgir ainda que seus olhos não estejam concretamente presentes sobre o que Sartre chama de “fundo de presença originária” Não importando a presença ou ausência de uma pessoa determinada, desde que existam relações anteriores de sujeito-objeto, ela está presente sobre esse fundo de presença originária. E este tipo de presença se estende para todos os homens vivos. Todavia, essa

¹² Ibidem, p. 369.

¹³ Idem, *Sursis*, p.330.

¹⁴ Idem, *O ser e o nada*, p.358.

presença, que podemos dizer que é “pré-numérica”, por ser sentida mais como um “público” do que como um certo número de pessoas, é unificada por Daniel na figura de Deus.

A importância desta unificação está no fato de que considerando apenas essa presença pré-numérica, Daniel ainda poderia objetivar os indivíduos no fundo de presença originária recuperando novamente seu caráter de sujeito. Porém, com Deus, Daniel será sempre objeto, Deus vê tudo e vê tudo o tempo todo. Através de Deus, Daniel não só obtém sua culpabilidade infinita, como também uma causa para ser dessa forma, causa essa que retira toda sua responsabilidade sobre o que ele pode fazer de sua pederastia, afinal, se Deus o fez culpado, o quê ele pode fazer a respeito? Não há mais esperança pra ele. “Daniel sentira-se Caim: eis-me como me fez, covarde, pederasta, oco¹⁵” Assim Daniel conclui: “Vêem-me, logo existo. Não me cabe mais arcar com a responsabilidade de meu pastoso escoamento: quem me vê e me faz ser. Sou como ele me vê. Volto para a noite minha face noturna e eterna, ergo-me como um desafio, e digo a Deus: eis-me. Eis-me como me vedes, como sou. Que posso fazer? Vós me conheceis e eu não me conheço. Que posso fazer senão suportar-me? E vós, cujo olhar me foge eternamente, suportai-me... Mathieu, que alegria, que suplício! Estou enfim transformado em mim mesmo. Odeiam-me, desprezam-me, suportam-me, uma presença me sustém e auxilia-me a ser para sempre. Sou infinito e infinitamente culpado. Mas sou, Mathieu, eu sou. Perante Deus e perante os homens, eu sou. *Ecce hommo*¹⁶”

Ou seja, através do Outro na forma de Deus, Daniel pensa conseguir empreender seu procedimento de má-fé, que é tornar-se objeto sem transcendência, fruto de uma causa originária que nega toda sua contingência. Mas ele tem consciência que age de má-fé. Ele sabe que afirma a existência de Deus de maneira arbitrária, tanto que antes de

¹⁵ Idem, *Sursis*, p.162.

¹⁶ Ibidem, p. 331.

fazê-lo, ele se pergunta, “Direi Deus? Uma só palavra e tudo muda¹⁷” Além disso, ele não o sente o tempo todo como quer acreditar: “O olhar ali estava, por toda parte, mudo, transparente, misterioso. Daniel acabara adormecendo e ao despertar estava só. Uma recordação de olhar¹⁸” Como podemos ver, esta sensação é evanescente, instável.

3. Por uma conduta mais autêntica

Segundo Sartre nascemos em um mundo de significados que muitas vezes não foram colocados por nós, mas pelo outro. Tais significações não se resumem a utensílios já significantes como “a estação”, “o sinal de ferrovia”, “a obra de arte”, “o aviso de mobilização para o serviço militar”, mas também significações que se referem a nós, como “raça”, “nacionalidade” e “aspecto físico”. Afinal, nascemos em uma “situação” que inclui a presença do outro, situação essa que não podemos escolher, mas que é contingente à nossa realidade. “Tudo seria muito simples, com efeito, se eu pertencesse a um mundo cujas significações se revelassem simplesmente à luz de meus próprios fins. Com efeito, iria dispor as coisas em utensílios ou em complexos de utensílios nos limites de minha própria escolha de mim mesmo; é essa escolha que torna a montanha um obstáculo difícil de ultrapassar ou um ponto de observação da paisagem, etc; não seria colocado o problema de saber qual a significação que esta montanha pode ter *em si*, já que sou aquele pelo qual as significações vêm à realidade *em si*¹⁹” Esses significados são, em geral, aceitos, fazer parte de uma comunidade implica em aceitar alguns deles, como a linguagem, sinais de trânsito, placas, etc.

Daniel não só parece crer que estas significações foram dadas pelo outro, como também, que são intrínsecas ao homem, como já

¹⁷ Ibidem, p. 162.

¹⁸ Ibidem, p. 162.

¹⁹ Idem, *O ser e o nada*, p. 626.

vimos. Ele age de má-fé ao querer acreditar que esses significados são eternos, que não foram criados por ninguém e logo, que não são contingentes, por isso devem ser aceitos como inquestionáveis e indubitáveis, para sempre verdadeiros. É certo que não sabe justificar porque crê nisso e o tempo todo se defronta com a fragilidade destas crenças.

No entanto, estes significados, embora pareçam ser impostos a nós, eles na verdade continuam sendo objeto de escolha. De fato, o ser-para-outro não é determinado por nós, ele é aquele ser que somos “à distância”, mas que somos e não podemos alterar ao nosso bel prazer, não podemos escolher sermos dessa ou daquela maneira para o Outro. No entanto não nos limitamos a receber passivamente essas significações, “só posso captar esses caracteres”, diz Sartre, “à luz de meus próprios fins²⁰” Isso quer dizer que estas significações fazem parte de nossos projetos e eles passam a receber a significação que nós lhes fornecemos.

“Na verdade”, afirma Sartre, “a raça, a enfermidade, a feiúra só, podem *aparecer* nos limites de minha própria escolha da inferioridade ou do orgulho; em outras palavras, só podem aparecer com uma significação que minha liberdade lhes confere; quer dizer, mais uma vez, que tais significações *são* para o outro, mas que só podem ser para mim caso eu as *escolha*²¹” Ou seja, embora não possamos escolher os conceitos que o outro elabora, somos capazes de escolher o que eles significam para nós, tudo depende da maneira como iremos “assumir” essas definições.

Por isso, realmente há uma moral que se dá na sociedade na forma de valores que são comumente aceitos. Porém, há uma moral do indivíduo e é a ele quem cabe escolher se vai aceitá-los ou não, o homem sartriano faz-se por si só sem a possibilidade de apoiar-se em valores pré-existentes. “O homem faz-se, não está realizado logo de

²⁰ Ibidem, p. 648.

²¹ Ibidem, p. 648.

início, faz-se escolhendo a sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que não pode deixar de escolher uma²²” É a partir desses valores que o indivíduo escolhe como irá assumir seu ser-para-outro.

Ou seja, podemos dizer, que é Daniel que escolhe condenar-se. Embora exista a possibilidade dele aceitar-se, rejeitar esses preconceitos infundados, ele não quer fazer isso de maneira alguma. Diz Daniel: “os pederastas que se vangloriam ou se exibem, ou simplesmente se aceitam... são mortos; mataram-se de vergonha, de tanto ter vergonha, e eu não quero esse gênero de morte²³”

Isso, no entanto, não significa que Sartre esteja desprezando a dificuldade de se lidar com o preconceito, mas quer mostrar que é possível fazê-lo, é possível se libertar dessas grades sociais. E tentar fazê-lo é uma conduta muito mais autêntica do que tentar condenar-se, à maneira de Daniel, tentando se transformar nesse “estigma” de pederasta, elaborado por indivíduos de seu meio. Cremos que essa possibilidade de se lutar contra os preconceitos seja uma das partes que constituiriam um movimento da sociedade em direção à uma liberdade efetiva para todos os indivíduos.

Bibliografia

- SARTRE, J-P. *A idade da razão*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do livro, 1976.
- SARTRE, J- P. *Sursis*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do livro, 19__.
- SARTRE, J- P. *Com a morte na alma*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- SARTRE, J- P. *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2002.

²² Idem, *O existencialismo é um humanismo*, p. 24.

²³ Idem, *A idade da razão*, p. 331.